

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

**Curso de Licenciatura em Antropologia**

***Percepções Sociais da Pobreza no Bairro de Maxaquene “A”***

Trabalho submetido no Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito, para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

**Autor:** Sérgio Domingos Zitha

**Supervisora:** Dra. Margarida Paulo

Maputo, Dezembro de 2012

## DECLARAÇÃO

Declaro que este relatório é o resultado da minha investigação pessoal e independente, o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

Declaro ainda que este relatório não foi aceite em nenhuma outra instituição para qualquer grau nem está a ser apresentado para obtenção de um outro grau para além daquele a que diz respeito.

O candidato

---

Sérgio Domingos zitha

Maputo, aos 19 de Dezembro de 2012

Declaro que, tanto quanto me foi possível verificar, este relatório é o resultado da investigação pessoal e independente do candidato.

O Presidente

A Supervisora

O Oponente

---

Johane Zonjo

---

Margarida Paulo

---

Fernado Manjate

Maputo, aos 19 de Dezembro de 2012



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## **Dedicatória**

Ao meu filho Monane Sérgio Zitha, ao meu Sobrinho Monane Emílio Mahumane e especialmente a minha filha Lucimatonde Sérgio Zitha.

## Agradecimentos

Agradeço a minha supervisora Dra. Margarida Paulo pela paciência de ter-me suportado e mostrado os passos para ser um futuro bom pesquisador. Ao Dr. Euclides Gonçalves pelas discussões proveitosas e pelas inestimáveis sugestões. Ao colectivo de professores, docentes e funcionários do DAA pelos ensinamentos ministrados ao longo da minha formação.

Agradeço aos meus pais pela paciência, acima de tudo pelo incómodo e transtornos causados, que sem olharem para os seus esforços apoiaram-me muitas vezes de diversas maneiras, tais como por vezes não permitirem com que eu contribui-se para a compra de alguns mantimentos, porque sabiam de que o que eu recebia não era suficiente para sustentar os estudos e cuidar da minha esposa e filho.

Sou grato a minha esposa que algumas vezes soube entender os motivos que faziam com que eu não contribui-se de forma regular, devido ao desvio do valor para fins académicos. Estou igualmente grato à minha irmã que sempre apoio-me, sempre teve a paciência de ouvir-me, de moralizar-me. Estendo os meus agradecimentos ao meu irmão que sem estar por perto, sempre esteve a par dos meus estudos.

Agradeço a todos os camaradas de trincheira académica, enfim...à toda turma de *Antropologia Geração 2008*. Agradeço ainda ao Dr. Danúbio Lihabe pelas sugestões e pelos textos auxiliares que me disponibilizou, aos camaradas de política pelo apoio moral e incondicional que deram-me.

Não posso deixar de agradecer a Dona Lídia, que convidava-me por vezes a passar algumas refeições na sua casa, e sempre que dava-me a refeição sublinhava que eu não á esquecesse quando termina-se os meus estudos. Compartilho também os meus agradecimentos a uma grande mulher e amiga Lina Machiana Manhicanne que no momento de fraquezas no final do curso, ela tornou-se num bastão de suporte de dificuldades na minha vida.



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Agradeço a todos os funcionários do Ministério dos Recursos Minerais (MIREM) que sem fazerem ironia moralizavam-me por palavras e deixavam-me tirar algumas impressões e cópias quando eu necessitasse. Estendo os meus agradecimentos para os meus chefes do sector e para um inesquecível chefe Dr. Euclides dos Santos, que deu parecer favorável e soube entender a necessidade de eu continuar a estudar trabalhando e fazer o curso de Antropologia.

À todos os meus informantes agradeço pela disponibilidade e paciência que tiveram de participar neste estudo. Por, ultimo agradeço ao Dr. Francisco Bíla, o revisor linguístico do texto.



**PDF Complete**

*Your complimentary use period has ended. Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

<b>INDICE</b>	<b>PAG</b>
Resumo .....	6
1. Introdução .....	8
2. Quadro Teórico.....	11
2.1 Conceptualização.....	14
3. Metodologia.....	15
3.1 Considerações Éticas.....	19
3.2. Local do Estudo .....	19
4. Resultados da Pesquisa: Percepções Sociais sobre Pobreza.....	19
4.1 Estratégias de Sobrevivência de Pessoas que Vivem na Pobreza.....	23
4.2. Ajudas Recíprocas como Mecanismo de Superação de Problemas .....	28
4.3. Relações Campo e Cidade no Contexto da Pobreza .....	30
5. Considerações Finais.....	33
Referência Bibliográficas.....	36

## Resumo

As discussões relacionadas à pobreza, na actualidade, têm atraído o interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. As abordagens utilizadas têm variado de acordo com o tempo e os contextos onde as pesquisas são feitas.

Os estudos da pobreza no mundo, anteriormente davam relevância a abordagens da *pobreza relacionada com a renda*, mas com o passar do tempo, o avanço das ciências, a intervenção e trabalhos elaborados por antropólogos e sociólogos como: Sen (2000), Narayan (2000), Cruzeiro do Sul (2006), Douglas (2007), Mate et al. (2007), Costa (2009), Paulo et al. (2010), passa-se a observar o uso das abordagens da pobreza como *privação de capacidades; como exclusão social e pobreza multidimensional*. Estas mudanças influenciaram muito no estudo da pobreza e nas mudanças de planos de acções governamentais e privados para aliviar a pobreza.

Entretanto, a revisão da literatura sobre a pobreza revela um desenvolvimento de estudos sobre os significados atribuídos à pobreza em cada contexto, suas impressões e opiniões. Este trabalho visa conhecer os elementos envolvidos na percepção dos significados atribuídos à pobreza pelos residentes do bairro de Maxaquene, bem como as estratégias por eles utilizadas para a sua superação. Tanto que, o trabalho de campo utilizou o modelo teórico de Douglas (2007) e Narayan (2000), que privilegiam o olhar cultural que submete-nos a uma visão particular dos próprios pobres sobre o que é ser pobre, seguida de uma abordagem multidimensional.

A partir de dois encontros com grupos focais no bairro de Maxaquene e de dez entrevistas feitas a informantes residentes do bairro de Maxaquene, foram identificados os atributos geradores de percepções sociais da pobreza que se associam directamente aos objectivos específicos; às estratégias utilizadas para a caracterização da pobreza; e as formas de percepções usadas para a pobreza dentro do campo das estratégias de sobrevivência como: ajudas recíprocas como mecanismo de superação de problemas e a relação campo/cidade no contexto da pobreza.

Acreditamos, portanto, que este trabalho possa dar uma contribuição significativa para a compreensão das percepções sociais atribuídas à pobreza no bairro de Maxaquene, propondo



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

uma abordagem que associe as percepções da pobreza aos atributos considerados relevantes para os residentes do bairro, e que esta micro-particularidade contribua, de forma diferente na interpretação e olhar nas pesquisas sobre pobreza.



## 1. Introdução

A dinâmica da pobreza tem sido objecto de um número crescente de estudos nos últimos anos. E, o progresso quantitativo dos estudos sobre a pobreza é acompanhado por uma revolução qualitativa no que diz respeito à abordagem e mensuração da pobreza. Esta pesquisa tem como título *Percepções sociais da pobreza no bairro de Maxaquene “A”*<sup>1</sup>, e como objectivo compreender os significados que as pessoas atribuem à pobreza.

Nas discussões sobre a pobreza no mundo, em geral, tem-se destacado quatro tipos de abordagens: a abordagem da *pobreza relacionada com a renda*<sup>2</sup> que foi mais utilizada nos estudos iniciais da pobreza, esta tratava a pobreza do lado da economia. Depois da abordagem relacionada com a renda durante muito tempo, observou-se uma grande mudança no tratamento do fenómeno pobreza através de estudos e intervenção de trabalhos elaborados por cientistas sociais como por exemplo: Sen (2000), Narayan (2000), Cruzeiro do Sul (2006), Douglas (2007), Mate et al. (2007), Costa (2009), Paulo et al. (2011), e Tvedten et al. (2006), que passaram a incluir as abordagens da pobreza como *privação de capacidades*<sup>3</sup>; *pobreza como exclusão social*<sup>4</sup>, e *pobreza multidimensional*, sendo que esta última dá ênfase a uma interdisciplinaridade das abordagens e percepções complexas no estudo da pobreza.

O Banco Mundial (2007), mostrou que a pobreza é um fenómeno complexo que pressupõe fazer-se sentir de diversas formas em regiões diferentes. Este fenómeno parece ter um impacto mais forte na

---

<sup>1</sup> O bairro de Maxaquene ãAõ pertence ao distrito Municipal de Kamaxaqueni, cidade de Maputo.

<sup>2</sup> Esta abordagem identifica (e mensura) pobreza com base na insuficiência de rendimentos, dado um determinado ponto de referência ó a linha de pobreza estabelecidas, a partir de vários critérios, desde salários-mínimos até linhas formuladas com base em proteínas e calorias necessárias para manter determinado padrão de nutrição, segundo Ravallion (1998) e Hagenarars e Van Praag (1985).

<sup>3</sup> A abordagem das capacitações define a pobreza relativamente à capacidade dos indivíduos de exercerem suas liberdades bem como de fazerem respeitar seus direitos, analisando as diferentes formas de distribuição e acesso aos recursos privados e colectivos (Lopes et al. 2004).

<sup>4</sup> A abordagem da exclusão social, entende-se como um processo multicausado, de õmudanças que se verificam ao longo do tempo e que vão significando um acréscimo progressivo de dificuldadesö Segundo Paugam (1999).

África subsariana, e Moçambique não foge deste facto. Outro relatório do Banco Mundial (2010), mostra que 70% da população urbana, em Moçambique, vive ainda em locais que têm características de bairros de lata, com crescimento denso e desregulado; falta de infra-estruturas de serviços públicos como água, saneamento e electricidade; e casas feitas de materiais precários.

A história recente de Moçambique, com destaque para a guerra que opôs a Resistência Nacional de Moçambique e a Frente Libertação de Moçambique e as políticas modernizantes subsequentes, provocaram uma intensa deslocação das populações, principalmente as que residiam nos meios rurais, em direcção à capital, Maputo. Com o fim da guerra civil, e ao contrário do que se previa, esse êxodo rural não só não se inverteu como não diminuiu. É nos bairros suburbanos da cidade de cimento que vive hoje em dia a maioria da população da capital, numa periferia que continua a expandir-se e a crescer também em densidade populacional (Costa 2006: 123).

As populações durante a guerra dos 16 anos não só deslocavam-se para a cidade de Maputo, mas para outras zonas urbanas que garantiam a segurança das suas vidas acima de tudo, embora que o êxodo rural no contexto actual envolva mais interesses como: o emprego; comércio formal ou informal; estudos escolares entre outros motivos.

Segundo Cunguara e Hanlon (2010), a persistência da pobreza que se entende ser agravada pela guerra dos 16 anos em alguns contextos, diferentes formas e regiões diversas acções tem sido combatida por diferentes actores sociais (o governo moçambicano, doadores estrangeiros, actores individuais e privados) em forma de projectos e programas sociais, doações de valores. Tanto que o governo moçambicano recentemente introduziu o Fundo de Desenvolvimento Distrital (FDD<sup>5</sup>) com vista à criação de melhores condições de vida para a população.

Assim, para além dos planos ou projectos alocados para as populações, Costa (2006), argumenta que as estratégias de sobrevivência destas famílias passam pela dispersão económica e geográfica

---

<sup>5</sup> Fundo de Desenvolvimento distrital alocado aos distritos õvulgo os 7 milhões, onde em algumas cidades mais desenvolvidas alguns distritos não tem o valor total, é diferenciado consoante o número de habitantes.

dos seus membros, ou seja, a mobilidade territorial, tanto dos meios rurais para os urbanos como dentro da própria cidade de Maputo e entre os vários bairros da sua periferia, assume-se como parte fundamental das estratégias de sobrevivência e reprodução social destas famílias.

O Ministério de Planificação e Desenvolvimento, MPD (2010), mostra que quanto a contagem da pobreza em Moçambique verificada dentro da dicotomia rural e urbana, constata-se que na zona rural a pobreza situa-se a 56,9% e urbano situa-se a 49,6%.

Entretanto, para a elaboração deste trabalho, inspirou-se dentro da abordagem multidimensional e na perspectiva teórica de Narayan (2000) que nos remete a compreensão da perspectiva histórica ou interpretação histórica do fenómeno pobreza e a proposta de Douglas (2007) que privilegia um sentido cultural da pobreza no grau em que a pobreza é culturalmente definida, não por um inventário de objectos, mas podendo ser por um padrão de exclusões, geralmente bastante sistemáticos.

O estudo é apresentado em cinco capítulos. A seguir a esta introdução, é apresentado o capítulo dedicado ao quadro teórico. Nesse capítulo são apresentados revisões de estudos sobre a pobreza e as perspectivas teóricas seguidas no estudo apresentado. No terceiro capítulo reserva-se a considerações metodológicas utilizadas neste estudo. No quarto capítulo apresenta-se os resultados do estudo: percepções sociais sobre a pobreza; estratégias de sobrevivência de pessoas que vivem na pobreza; ajudas recíprocas como mecanismo de superação de problemas e as relações campo e cidade no contexto da pobreza. E, por último, são apresentadas as considerações finais.

## 2. Quadro Teórico

No campo do quadro teórico, procuramos rever de forma objectiva alguns recitados estudos alcançados depois das abordagens de pobreza relacionadas com a renda. Foi dentro do quadro teórico que tomamos o nosso posicionamento quanto a abordagem e a concepção teórica sugerida pelos autores.

Imensa literatura chega a conclusões que qualquer discussão sobre pobreza não deve ser feita só a partir do próprio conceito pobreza. Porque muitas das vezes os conceitos, além de apresentarem endogeneidade e heterogeneidade de valores, são produzidos dentro de um paradigma contextual, onde a visão actual no estudo da pobreza submete-nos a uma compreensão multidimensional.

Na vertente da corrente do pensamento multidimensional da pobreza, destacam-se autores como: Paugam (1999), Sen (2000), Crespo e Gurovitz (2002), Harris (2007) Paulo et al. (2007 e 2011), Addison et al. (2009); Mate et al. (2007), que trouxeram resultados e conclusões relevantes a serem tomadas em consideração neste estudo. Os estudos desenvolvidos por Sen (2000), influenciaram também de certa forma os estudos e relatórios de alguns organismos internacionais como o Banco Mundial e o PNUD.

Sen (2000), na interpretação da pobreza, olha para a abordagem de privação de capacidades básicas e não apenas como insuficiência de renda ou baixo nível de recursos, bens primários ou necessidades básicas, embora segundo o autor não estejamos completamente livres para definir e caracterizar a pobreza, pois as associações existentes restringem a natureza do conceito. Sen (Ibid), argumenta que nem sequer sabemos definir exactamente o que é ser um pobre. E que, mesmo se soubéssemos, não teríamos formas de identificar com precisão se uma pessoa é ou não pobre. Sen (Ibid), conclui que só um conjunto de aproximações é que pode levar-nos a uma possível definição da pobreza.

O argumento seguido por Sen (2000), olha para a pobreza dentro da perspectiva desenvolvimentista sob vários paradigmas. Mas, a antropologia moderna, pelo contrário, vem mostrando que a questão económica não deve ser tomada como a prioridade no estudo sobre o desenvolvimento, porque

existem outros factores extra-económicos e que, conjugados com as dinâmicas internas de uma sociedade subdesenvolvida, podem ser focos de estudos e sem os quais os processos de desenvolvimento e os seus fracassos não podem ser plenamente compreendidos. Isso para dizer que, a compreensão a nível de bens materiais e físicos não nos ajuda como devia no estudo da pobreza.

Concordamos com Sen (2000), quando diz que a pobreza é uma problemática que dificilmente podemos definir com tanta exactidão, porque não é possível e nem sequer sabemos definir essa questão, por isso, a necessidade de percepções diferentes quanto a pobreza e não nos limitarmos na abordagem de capacidades.

De acordo com Harris (2007), muitas investigações sobre a pobreza não abordam os factores dinâmicos, estruturais e relacionais que dão origem a pobreza, uma vez que algumas pesquisas convergem em torno de conclusões que pouco tem como objectivo abordar as questões de como e por quê as pessoas são pobres.

Se apenas o raciocínio implícito é executado, na sua concepção nós podemos construir uma compreensão científica de qualidade da pobreza, então "nós" seríamos capazes de resolver o problema, embora o conhecimento da pobreza é profundamente político (Harris 2007: 23).

Mas, se quisermos de facto pensar que os problemas que podem advir da pobreza são capazes de ser resolvidos, é algo que se pode questionar até que ponto, na medida em que os juízos de valores não fariam parte. Porque grande parte das estratégias ou planos de acção executados por vários organismos são feitos sem um estudo científico ou sistemático que ilustra, antes, de forma clara as necessidades e estratégias claras de mitigação contra a pobreza.

Narayan (2000), na sua abordagem teórica sobre a problemática da pobreza, procura fazer-nos perceber que não existe ninguém melhor do que os próprios pobres para falar sobre sua situação. Porque pode ser que um investimento em uma escola, hospital ou conjunto habitacional possa ser inútil se não houver concordância dos beneficiários.

As estratégias de redução da pobreza só serão eficazes e sustentáveis se corresponderem a um conhecimento sistemático das percepções dos pobres, por isso a importância dos pobres serem ouvidos e de ganharem poder como agentes de seu próprio destino no estudo sobre a pobreza. E as estratégias de redução da pobreza, para que possam ser eficazes e sustentáveis, devem reflectir um conhecimento sistemático das percepções dos pobres quando se pretendem estudar as percepções dos actores sociais face aos fenómenos da pobreza e da guerra, a perspectiva histórica surge como partícula importante (Narayan 2000: 19).

Narayan (2000: 17), traz um pressuposto que em algumas circunstâncias podemos seguir para o estudo da pobreza, na medida em que o autor nos remete a olharmos também para uma perspectiva histórica no estudo do fenómeno pobreza, diferentemente dos outros autores. Este pressuposto, no estudo da pobreza em Moçambique, pode ser-nos útil na medida em que grande parte dos residentes do distrito Kamaxaqueni, construíram as suas residências após a independência.

Para Douglas (2007: 20), no estudo do fenómeno pobreza, posiciona os seus argumentos dentro de um ponto de vista mais funcionalista, ao dizer que a pobreza não pode ser definida pela ausência de riqueza, porque se formos a olhar sob o ponto de vista antropológico, as coisas cuja posse significa riqueza não são necessárias por elas mesmas, mas pelas relações sociais que sustentam. A pobreza é culturalmente definida, não por um inventário de objectos, mas por um padrão de exclusões, geralmente bastante sistemáticos.

Assimilando o pensamento de Douglas (2007), fica claro para nós que para a compreensão da pobreza é preciso discutirmos com profundidade os factores micro-sociais, isto é, o nível de interacção entre a vizinhança, as redes que são desenvolvidas entre as famílias e a comunidade, embora isso não nos retire a possibilidade de olharmos para as outras lógicas que possam nos ajudar a interpretar melhor este fenómeno.

Mate et al. (2007), argumentam que a abordagem levada a cabo para o estudo da pobreza também dá uma certa necessidade lógica para o entendimento deste fenómeno, na medida em que pressupõe

que a questão da pobreza é difícil de definir com tanta exactidão, porque não é possível e nem sequer sabemos definir essa questão, por isso, há necessidade de uma análise multidimensional e não nos limitarmos apenas à abordagem de capacidades.

O que observa-se da literatura sobre a pobreza no contexto moçambicano e fora, em grande parte da literatura como: INE (1998), GdM (2001), CMM (2006) as abordagens, eram feitas dentro da falta de renda. Mas, que com estudos mais interdisciplinares em termos de metodologias e técnicas de pesquisa a pobreza passou a ser vista de forma complexa apelando para uma interdisciplinaridade das ciências sociais para a sua compreensão.

Sendo assim, importa tomarmos a abordagem teórica seguida por Douglas (2007) e Narayan (2000), como uma matriz a seguir, na medida em que nos remete a considerar os indivíduos como agentes activos e passivos na sociedade, não como meros telespectadores.

Para elucidar melhor o nosso objecto de estudo, procuraremos definir os conceitos de pobreza e percepções sociais que consideramos pertinentes.

## **2.1 Conceptualização**

O conceito sobre a pobreza tem variado de acordo com o tempo, influenciado pelas abordagens, método e perspectiva teórica. Sendo que para Costa (2009), a pobreza tal como é definida pela actual literatura e políticas de desenvolvimento, é uma construção relativamente recente, este termo tem sido utilizado para designar situações de precariedade material desde tempos imemoriais.

O conceito de pobreza varia de acordo com lugares, com os informantes e com a percepção individual no tocante à sua posição socioeconómica e à influência do sistema social onde as suas acções estão inseridas. Estas percepções permitem-nos inferir que o conceito de pobreza está associado não apenas à posse de bens materiais e rendimentos, mas, igualmente às relações sociais mais estáveis, bem como à uma maior intervenção do Estado na provisão de condições económicas e sociais conducentes ao desenvolvimento dos indivíduos e do seu bem-estar (Mate et al. 2007:15).

A conceptualização da pobreza no bairro de Maxaquee ãAö, varia de acordo com a facha etária, e o sexo dos informantes. A maioria dos entrevistados do bairro de Maxaquene ãAö, definem a pobreza como sendo: não conseguir ter uma refeição por dia, ser doente físico ou mental. Pobreza é não ter emprego. Pobreza é não poder ir à escola e não saber o que comer quando voltar da escola pela falta de comida. Pobreza é ver um filho a tornar-se marginal. Pobreza é vender sexo por não ter alternativa para superar a fome. Pobreza é estar excluído das oportunidades existentes dentro do bairro. Pobreza é não ter nada para ajudar a outra pessoa quando estiver com dificuldades. Onde por exemplo para os jovens no seu grosso a falta de emprego e oportunidades são condicionalismos da pobreza; para os adultos a falta de comida, ver um filho a marginalizar-se e a vender sexo são indícios de pobreza.

De acordo com Teixeira (2009), as percepções sociais são processos que estão na base das interações sociais: consiste na formação de impressões acerca dos outros; o modo como percebemos as situações sociais e como o comportamento dos outros orienta o nosso próprio comportamento. A percepção social está muito relacionada com os grupos sociais, com o contexto social em que a pessoa está inserida.

Entende-se neste trabalho percepções sociais como um meio de pensamento que os entrevistados tendem a ver os problemas sociais e olhar para eles com uma certa analogia.

### **3. Metodologia**

A pesquisa efectuada teve uma abordagem qualitativa, pelo facto de tomar em consideração a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e a subjectividade do sujeito que não pode ser traduzido em número, por isso a necessidade desta numa pesquisa qualitativa (Gil 1996).

Salientamos que a abordagem qualitativa permite descrever, compreender e explicar os fenómenos sociais. Para um trabalho de conhecimento social tem que se atingir três dimensões, a simbólica,



que contempla os significados dos sujeitos, a histórica, que privilegia o tempo consolidado do espaço real e analítico, e a concreta que refere-se às estruturas e aos actores sociais em relação (Minayo e Sanchez 1993:246).

O estudo foi realizado em três fases: a primeira fase do estudo compreendia a revisão da literatura e documental e reconhecimento do local do estudo que decorreu de Março a Julho de 2011. A segunda fase deste estudo decorreu de 20 de Julho de 2011 a 10 de Dezembro de 2011, esta fase consistiu numa pesquisa de terreno (recolha de dados) de forma a clarificar-se e perceber os significados atribuídos à pobreza no bairro de Maxaquene. Sendo que, para a investigação de terreno, que teve lugar em situações sociais, utilizamos a observação participante, feita através de um acompanhamento das actividades, participações em reuniões, conversas periódicas com residentes e informantes estratégicos. A terceira fase do trabalho consistiu na sistematização e análise dos dados recolhidos durante a fase da pesquisa de terreno que decorreu entre Outubro de 2011 e Fevereiro de 2012.

Segundo Burgess (2001), numa investigação de terreno em que o investigador participa, a tarefa do investigador é aqui observar e registar a vida das pessoas tal como ela ocorre. Isso, vem clarificar a opção da importância da observação participante adoptada por nós no momento de recolha de dados no terreno.

Optamos por uma técnica fenomenológica, que segundo Gil (1999) e Triviños (1992), preocupa-se com a descrição directa da experiência tal como ela é, sabendo que a realidade é construída socialmente, e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Portanto para Gil (1999) e Triviños (1992), a realidade não é única, porque podem existir tantas interpretações e comunicações. O sujeito/actor, para os autores é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento.

Para alcançarmos os objectivos, olhamos para Silva (2004), que sugere que a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vista a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. A pesquisa exploratória baseou-se no levantamento bibliográfico; conversas com pessoas

que tiveram experiências sobre pobreza nos seus estudos e pessoas que tem participado ou fazem parte de acções humanitárias de ajudas a pobre; análises pessoais que proporcionaram a compreensão. Para além da pesquisa exploratória, demos relevância a uma leitura descritiva, com o pressuposto de descrever as características atribuídas a pessoas pobres e as estratégias desenvolvidas pelos mesmos.

As técnicas de pesquisa centraram-se nas entrevistas não estruturadas e conversas informais. As entrevistas e as conversas informais permitiram-nos compreender os objectivos específicos para os quais nos submetemos a estudar. Realçamos que as conversas informais e entrevistas não estruturadas foram realizadas com residentes do bairro de Maxaquene <sup>6</sup> que se encontravam dentro do perfil traçado, que pudessem acima de tudo falar sobre o fenómeno pobreza de forma aberta e clara, uma vez que pensamos que seria através destes que em primeiro lugar podíamos seguir a técnica da bola de neve para conseguir contacto com outros informantes.

A entrevista semi-estruturada foi a técnica seguida para este estudo de forma a dar mais centralidade a materialização dos objectivos da pesquisa. Tanto que, as entrevista semi-estruturadas tem a vantagem de colocar o informante a expor de forma aberta as suas percepções, diferentemente das entrevistas estruturadas que dariam limitações de espaço para as respostas.

Para acedermos a outros informantes, usamos a técnica bola de neve, que dá importância a contactos iniciais, que subsequentemente, os entrevistados eram pedidos a indicarem outros informantes, sendo que, é com a saturação que entenderíamos que nenhum dado já era novo no estudo.

Também entrevistamos pessoas influentes/líderes locais<sup>6</sup> do bairro de Maxaquene <sup>6</sup>, como: o secretário do bairro; director da Escola Primaria Unidade 22; presidente do Conselho Consultivo do

---

<sup>6</sup> Secretário do bairro, chefes dos quarteirões, chefe do conselho de policiamento do bairro, representante das igrejas; e os mais antigos do bairro que estiveram nos primeiros dias da estruturação do bairro de Maxaquene <sup>6</sup>.

Distrito (CCD)<sup>7</sup>; representantes das associações e organizações que trabalham em projectos de mitigação da pobreza. Entrevistamos pessoas menos influentes como: vendedores (com bancas em frente de casa, em ruas movimentadas, em frente de escolas e igrejas) e Jovens (Jovem desempregado, jovem estudante do ensino superior, jovem òvendedeira de sexo ò identificada no momento da entrevista, jovem òassaltante ò que os vizinhos e o responsável do Conselho do Policiamento Comunitário identificou lhe. Tanto que, as entrevistas a pessoas influentes, foi o primeiro passo usado no terreno e que posteriormente levava-nos a aceder a outros informantes com perfil ou conhecimento prévio acerca do fenómeno pobreza.

No total foram realizadas dez entrevistas, grande parte das entrevistas foram efectuadas em residências, com a excepção de uma entrevista que foi feita no gabinete do director da Escola Primária Unidade 22; uma entrevista com um grupo focal no Complexo Novela com a participação de três chefes de quarteirões, um líder religioso, um representante do C.C.D e com a participação especial do secretário do bairro de Maxaquene òAö. As entrevistas foram registadas através de um bloco de notas e algumas vezes com o auxílio de um gravador, depois da permissão dos entrevistados. Para além dos instrumentos utilizados para a colecta de dados, as conversas foram levadas a cabo usando a língua portuguesa e em certos casos por meio da língua Shichangana<sup>8</sup>, para uma melhor dinâmica e conforto na conversa com alguns informantes.

Para além das conversas que tivemos com um dos grupos focais no complexo novela, constituiu também um momento particular ter participado de um encontro partidário que tinha como objectivo debater a questão da pobreza, consolidada através da estratégia de recolha de informação. Nestes encontros pretendíamos identificar as definições usadas para a pobreza; estratégias de sobrevivência e acima de tudo os significados atribuídos a pobreza no bairro de Maxaquene òAö.

---

<sup>7</sup> O CCD é um órgão criado para discutir, analisar projectos e propostas de luta contra a pobreza nos distritos. Este órgão passou a ter mais consideração a nível do distrito depois da locação dos fundos contra dita Pobreza Urbana.

<sup>7</sup> Vendedores/vendedeira (com bancas em frente de casa, em ruas movimentadas, em frente de escolas primárias e Secundárias e igrejas).

<sup>8</sup> Uma das línguas faladas no Sul de Moçambique.

A disponibilidade dos participantes, no grupo focal realizado no complexo Novela, foi um grande desafio, atendendo que quase todos os participantes tinham sempre uma agenda diferente, o que provocava constantes adiamentos dos encontros.

### **3.1 Considerações Éticas**

Para acedermos aos informantes, tivemos que ter o consento informado, onde cada informante aceitou de forma espontânea falar connosco. Mantivemos o anonimato dos nossos informantes de modo a protegê-los de possíveis represálias, como reza a ética da AAA (1997).

### **3.2. Local do Estudo**

O estudo foi realizado no bairro de Maxaquene ãAö. O bairro de Maxaquene ãAö delimita-se entre o bairro da Urbanização e Maxaquene õBö, separado pela Av. Acordos de Lusaka e Av. Milagre Mabote respectivamente. O bairro circunscreve-se no distrito Municipal de Kamaxaqueni, cidade de Maputo, o mesmo tem aproximadamente 22 mil habitantes. Neste bairro, assim como nos bairros circunvizinhos observa-se uma melhoria no sistema de abastecimento de água, instalações eléctricas domésticas, construção de sistemas de drenagens e um crescimento residencial e de habitantes. Actualmente o bairro de Maxaquene ãAö tem habitantes provenientes de várias partes do país e do mundo. O bairro tem algumas infra-estruturas e serviços como: uma Escola Secundaria (Escola Secundaria Noroeste 1); uma Escola de ensino do 1º e 2º Grau FPLM; uma Escola do 2º Grau do Noroeste 2; uma Escola Primária (Unidade 22); Ministério de Agricultura e o sector de Plano e Finança do Ministério de Plano e Finanças. O bairro está em via de ser requalificado conforme a nova estrutura exigida pelo Conselho Municipal de Maputo (CMC).

## **4. Resultados da Pesquisa: *Percepções Sociais sobre Pobreza***

A percepção da realidade social se faz através da organização dos seres humanos em grupos ou categorias, é provável que uma parte da resposta a esta questão provenha de uma associação entre o eu e diversas categorias sociais. Este processo de associação do eu a uma categoria social, quer

dizer, o processo de auto categorização social, e a identidade que dele decorre são determinados tanto por factores sócio-estruturais como por fenómenos de comunicação, de aprendizagem e de reflexividade (Vala 2007:10).

A pobreza no bairro de Maxaquene é percebida por muitos entrevistados como algo que em algum momento pode-se combater, esse posicionamento foi unânime em sete entrevistas. Observou-se também que os informantes, nos seus discursos, concentravam-se a volta da falta de uma estratégia de sobrevivência acima do que eles anseiam para superar a sua situação de pobreza, embora a questão da pobreza também esteja identificada, segundo os entrevistados em pessoas que não conseguem ter uma refeição se quer por dia, deficiente físico e mental. Alguns entrevistados abordam a questão da pobreza remetendo a exemplos de outras pessoas. E quando remetendo-se a si, os seus discursos entravam por vezes crenças divinas como sendo capaz de solucionar todos os males que advêm da pobreza.

“Eu sou pobre e a pobreza aparece nas pessoas e não nas árvores, sou pobre porque vendo na rua com uma banca que não rende nada e de facto quem não é pobre fica em casa evitando passar a vida a pedir ou porque as vezes têm condições de auto sustentarem-se sem depender de outras pessoas. Por isso, não tenho vergonha de ser pobre, porque também só os seres humanos podem ser pobres e não seres não vivos. Quem não é pobre não passa chuva porque tem tudo e eu como não tenho sou obrigado a ficar aqui na rua a vender”.<sup>9</sup>

Com base neste processo de pensamento, quanto às percepções dos informantes, entende-se que algumas pessoas acreditam que a pobreza, como fenómeno, em parte pode existir, mas em outros momentos de vida ou de passagem das necessidades, a pobreza é submetida e interpretada dentro do pensamento religioso. O pensamento religioso é apresentado na medida em que certas religiões têm vindo a debater o fenómeno pobreza como uma causa maléfica ou Satanás, e que ao entregarem-se às pessoas a crença divina podiam superar este mal que não seria um problema estrutural governamental, mas as pessoas estariam a sofrer com a pobreza pelo facto de não aceitarem Deus.

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada a 28 de Julho de 2011.

Alguns entrevistados percebem também o fenómeno da pobreza, dentro do prisma economicista, tanto que, descrevem a pobreza como não conseguir ter uma refeição por dia, ser doente físico e mental. Pobreza é não ter emprego. Pobreza é não poder ir à escola e não saber o que comer quando voltar da escola pela falta de comida. Pobreza é ver um filho a tornar-se marginal e não fazer nada para ajudá-lo. Pobreza é vender sexo por não ter alternativa para superar a fome. Pobreza é estar excluído das oportunidades existentes dentro do bairro.

Crespo e Gurovitz (2002), defendem que a definição da pobreza torna-se importante porque permite compreender a complexidade do fenómeno, seus diferentes conceitos e formas de abordagem, tornando possível conceber políticas públicas que busquem trazer soluções eficazes para o problema. Embora para este estudo não tenha como propósito trazer soluções dentro do campo do activismo.

Assim, foi possível, durante o estudo, perceber que condicionalismos como: tipo de emprego; local de residência; nível de escolaridade; nível de auto-suficiência alimentar; tipo de residência; nível de protecção social, podem colocar ou obrigar algumas pessoas a posicionarem-se como pobres ou como não pobres. Pode-se deste modo observar-se esse tipo de pensamento na afirmação aberta:

“Eu não me considero pobre, porque tenho o mínimo para viver ou sustentar a minha família e como já havia dito sou docente secundária e técnico superior. Por isso eu não sou pobre, estaria a ser injusto se eu dissesse que sou pobre. Estaria a ser injusto, na medida em que caracterizei a pobreza fora do quadro de vida que levo, eu tenho o suficiente para um indivíduo viver neste bairro. Talvez se eu não estivesse a viver neste bairro, estivesse a viver em bairros como Belo horizonte, Sommerchild, porque esses bairros são para a elite ou pessoas de poder político, ou mais posses, em termos de estatuto, bens físicos e monetários”<sup>10</sup>.

Pensando como Tvedten et al. (2006), Rosário et al. (2008) e Mate et al. (2007), as pessoas agem na base das suas próprias percepções, dentro da sua posição socioeconómica, e que as relações sociais

---

<sup>10</sup> Entrevista realizada a 3 de Agosto de 2011

são o centro do tecido social. Os autores alegam também que em parte as pessoas associam a diferenciação económica com os recentes desenvolvimentos da privatização e defendem que as pessoas eram mais autênticas em tempos passados. Tanto que para Paulo et al. (2007), as pessoas têm percepções claras acerca dos problemas e desafios nas suas comunidades e ideias claras sobre o que deve ser feito sobre eles.

As percepções sociais sobre a pobreza são influenciados por uma matriz social que interliga os residentes do bairro de Maxaquene, o que faz com que as definições e significados atribuídos a pobreza sejam contextuais. Vários entrevistados no bairro de Maxaquene, dão significado a pobreza com base na sua condição de vida; acesso a oportunidades para aceder os fundos de Desenvolvimento Distrital e pelos discursos que se tem propalado no bairro, por dirigentes políticos e pelos órgãos de informação.

Estas questões revelam, de certa forma que as percepções sociais no bairro de Maxaquene que interferem no imaginário social de alguns entrevistados, tem-se verificado respostas que divergem algumas vezes, em quem seria responsável para a mitigação da pobreza, e os consentimentos têm um significado também temporal.

Para um entendimento multidimensional sobre as percepções da pobreza apontado por Crespo e Gurovitz (2002), Mate et al (2007); Harris (2007) Addison et al (2009), Paulo et al (2007 e 2011), pode-se observar que, para o seu entendimento global acerca da pobreza, é preciso ter em conta as propostas referidas pelos entrevistados, embora que de forma muito particular tenha-se observado a nível micro (bairro de Maxaqueni), que faz parte do distrito Kamaxaqueni onde Baia et al. (2010) fizeram um estudo sobre a pobreza em cinco bairros da cidade de Maputo. Nota-se que a pobreza de facto pode afectar todos os extractos sociais daquele distrito, não apenas em educação, trabalho, renda, alimentação e saúde, na medida em que maior parte das pessoas vive com base em redes sociais com um pressuposto de reciprocidade. Isto é, os problemas que podem ser encontrados em certos contextos, podem ser compartilhados como problema dos outros.

Segundo Douglas (2007), algumas teorias no tratamento da pobreza podem assumir uma teoria de necessidades, começando pelas físicas; primeiro a necessidade de viver, de ter comida e água, abrigo, e a necessidade de companhia e satisfação social e espiritual. Pobreza é uma questão de como as pessoas tratam umas às outras, e isso precisa de um enquadramento também sociológico ao invés de uma tabela de necessidades básicas que começa com as físicas e termina com as sociais e simbólicas, o oposto funcionaria melhor (Douglas 2007: 7).

No entanto, para percebermos a questão da pobreza com base nos pontos de vistas e percepções da pobreza dos informantes é preciso percebermos um conjunto de nuances e vivências que os informantes têm no bairro. Sendo que, no grosso modo, as percepções acerca da pobreza são influenciadas através do nível educacional, económico e muito mais de influência política ou pertença a um grupo político.

#### ***4.1. Estratégias de Sobrevivência de Pessoas que Vivem na Pobreza***

No campo das estratégias de sobrevivência de pessoas que vivem na pobreza, encontramos informantes que para superarem a condição de pobre procuram alternativas<sup>11</sup> dentro do bairro e fora do bairro.

Alguns entrevistados que recorrem as estratégias fora do bairro por declararem a falta de oportunidades e de actividades para satisfazerem as suas necessidades, integram-se em actividades como: agricultura; polidores de carros; vendedores ambulantes, enquanto que, os que recorrem as estratégias dentro do bairro mantém bancas de venda de alimentos e produtos de primeira necessidade como: arroz medido em latas ou em púcaros de 500 gramas ou em quilogramas; óleo medido em pequenas tampas de fechar recipientes de produtos líquidos e açúcar empacotado em plásticos de ½ quilogramas. Algo de particular observado é que grande parte dos entrevistados que recorrem a prática de agricultura fora do bairro para o seu sustento, não comercializam os seus

---

<sup>11</sup> Limpeza de valas, recolha de lixo em bares, barracas, venda de sexo e carregamento de produtos como: arroz, feijão, farinha, açúcar, pão, óleo, carvão entre outros.



produtos obtidos na machamba, dizendo que não são suficientes para a comercialização, mas quando os mesmos produtos trazidos da machamba quando estiverem quase a perecerem procuram oferecer os seus vizinhos ou pessoas necessitadas dentro do bairro.

As estratégias mais constituintes, aceites e aplicáveis a todos os níveis e extractos sociais no bairro, têm no seu peso fortificadas pelas ajudas recíprocas, o que lhes faz afirmar que se forem a criar esse espírito de auto-ajuda num combate contra a pobreza, podem minimizar o sofrimento de algumas pessoas e não precisariam de esperar do apoio do governo para saírem da situação de pobreza. Tanto que, observou-se uma consonância nesse pensamento em grosso dos entrevistados, o que pode-se observar no extracto seguinte:

É melhor ajudarmo-nos uns aos outros e montarmos bancas de vendas de produtos de primeira necessidade em vários locais do bairro para podermos livrar-nos da pobreza, também ajudamo-nos em comida para comer, em dinheiro para comprar comida e para subir chapa; apoio moral em caso de morte ou doença; e nós que vivemos em frente das drenagens devemos nos unir e fazer limpeza que dificilmente o nosso governo não se preocupa em fazer.<sup>12</sup>

Segundo Marteleto (2001) e Costa (2005), para a questão das estratégias as redes sociais devem ser vistas como acção estratégica de um grupo de indivíduos no meio social e a sua dinâmica está voltada para a perpetuação, a consolidação e desenvolvimento de actividades deste grupo.

Sendo assim, nas estratégias é possível perceber que existem percepções de redes sociais que dão ênfase as estratégias individuais dos actores sociais na construção de laços fortes, estratégias vistas como indispensáveis para que o indivíduo possa fazer face às situações adversas. Nesta óptica, a noção de rede social reflecte uma acção estratégica de um indivíduo ou grupo com o fim de sobrevivência no meio social (Martins 2008: 12).

Observamos também que um grande número de mulheres dentro do bairro tem assentado nas bancas de vendas de produtos de primeira necessidade quase em todas as esquinas do bairro, até em

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada a 13 de Agosto de 2011

locais que tenha lixo ao redor, em frente de drenagens cheias de capim, água turva, papéis, plásticos e outros objectos prejudiciais a saúde pública, mas os mesmos colocam a questão da saúde de lado no momento de sobrevivência na luta contra a pobreza.

De acordo com Australcouwi (2009), reafirma que perante crises inesperadas, semelhantes as foram acima descritas, a maioria dos agregados familiares podem recorrer, quer no meio rural como urbano, a uma estratégia de natureza alimentar para enfrentar a crise. Para Australcouwi (Ibid) os agregados familiares podem recorrer a alimentos menos caros (sobretudo no meio urbano), diminuindo o número de refeições ou a quantidade de alimentos; como segunda possibilidade para enfrentar a dificuldade, os agregados familiares tentam aumentar o rendimento disponível, seja com um maior número de actividades informais seja com empréstimos ou recorrendo a poupanças.

Por isso que Paulo et al. (2010), exemplificam que é possível observar, em alguns contextos, a pobreza de calorias que é tipicamente mais alta nas áreas urbanas do que nas rurais, o que sugere o pior acesso a géneros alimentícios nutritivos nas cidades e vilas. Mesmo assim, Paulo et al. (Ibid) mostram ainda que enquanto nas áreas rurais a pobreza de calorias é consistentemente mais baixa do que a taxa de pobreza baseada no consumo, nas áreas urbanas o consumo de calorias é consistentemente mais alto do que a taxa de pobreza baseada no consumo. Isso é, entende-se que as pessoas podem ser menos pobres, mas terem acesso constante a alimentos, e não serem pobres, mas não terem acesso constante a alimentos.

De um certo ponto de vista, posso dizer que estamos sim a sair de um tipo de pobreza em termos de infra-estrutura, mas, hoje em dia a pobreza que mais verifica se é a nível de alimentação, quando digo falta de alimentação, falo de pessoas que não têm nada e não sabem como podem obter alguma coisa para comer, são pessoas que não conseguem ver por vezes a fumaça da fogueira facilmente dentro de casa.<sup>13</sup>

Para além de as pessoas pensarem que a pobreza está a gravar-se pelo nível de carência de alimentos, é de notar, também, que os entrevistados olham para a questão da inclusão em alguns

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada a 27 de Julho de 2011.

movimentos associativos ou políticos, como uma das estratégias de sobrevivência para que em certos momentos estejam incluídos nos programas de ajuda financiada pelo governo local ou nacional e pelos organismos internacionais. Alguns indivíduos são excluídos<sup>14</sup> das redes sociais no referente às estratégias de sobrevivência, por não fazerem parte, também, de um historial de subsistência comum, não resultarem de origens comuns e não compartilharem de uma linhagem parental.

Relativamente a questão de exclusão social, em várias vertentes apontadas por alguns entrevistados, Fernandes (1995:15) argumenta que numa situação de exclusões verifica-se uma acentuada privação de recursos materiais e sociais, arrastando para fora ou para a periferia da sociedade todos aqueles que não participam dos valores e das representações sociais dominantes. O excluído encontra-se fora dos universos materiais e simbólicos, sofrendo a acção de uma espiral crescente de rejeição, que culmina na incorporação de um sentimento de auto-exclusão. Ainda assim, segundo Fernandes (1995:17), a nível simbólico, tende a ser excluído todo aquele que é rejeitado de um certo mundo de trocas e transacções sociais, e esta dimensão da exclusão assume-se pela transformação da identidade do indivíduo, inevitavelmente marcada por um sentimento de inutilidade, ligado a sua própria incapacidade de superar os obstáculos e os processos que provocam e/ou acentuam a sua exclusão.

De uma forma clara não podemos vencer a pobreza por completo pelas nossas só estratégias, mas o que é preciso é orar a Deus e tirar proveito daquilo que fazemos. O que devemos e o que é preciso é aguardar também pela nossa vez. Digo nossa vez na medida em que enquanto orarmos a Deus, ele vai responder as nossas preocupações e necessidades, é só nele é que podemos confiar. E para que não haja pobreza, não significa que o governo deve andar por ai a distribuir dinheiro para as pessoas necessitadas. Mas, as pessoas devem ter uma capacidade de poupança para poderem prever o próximo dia e não viverem na

---

<sup>14</sup> Um excluído será aquele que não consegue configurar uma identidade (social) no trabalho, na família ou na comunidade. Torna-se um excluído das relações sociais e do mundo das representações a elas associadas.

incerteza. Porque também chega um tempo onde as pessoas não têm onde recorrer para pedir ajuda.<sup>15</sup>

Entende-se deste modo, que embora as estratégias<sup>16</sup> do governo que algumas delas estão bem descritas nos documentos oficiais como: MPD (2010), CMM (2009), PARPA II (2009), alguns informantes reconhecem que é preciso pensarem de forma diferente e arranjar mais mecanismos de sobrevivência, porque os planos governamentais levam muito tempo para serem executados, mas que a igreja ou crença divina parece ser uma estratégia muito clara assumida pelos residentes que na maioria professam a religião protestante.

É neste propósito que pensamos como Narayan (2000), ao mostrar que ninguém melhor do que os próprios pobres para falarem sobre sua situação, sua disposição, porque para melhorar de condição depende da forma como encaram as oportunidades, os riscos e as limitações que se apresentam, uma vez que somente eles podem mudar sua situação. Pode acontecer também que grande parte do que a sociedade faz para ajudá-los tenha validade na medida de sua aceitação. Tal que, o investimento em uma escola, hospital ou conjunto habitacional será inútil se não houver concordância dos beneficiários. Portanto, as estratégias de redução de pobreza só serão eficazes e sustentáveis se corresponderem a um conhecimento sistemático das percepções dos pobres (Narayan 2000:27).

Pelo facto da pobreza estar relacionada com os grupos sociais, isto é, com o meio em que os entrevistados ou indivíduos encontram-se inseridos, as estratégias encontram-se ligadas a ajudas de reciprocidade, onde as pessoas compartilham favores, podendo dar ajuda na esperança de poder receber de volta um dia, e quanto a determinação de algumas soluções eficazes para a satisfação de suas necessidades é feita dentro do aparato simbólico e social, antes das dimensões físicas e das necessidades básicas.

---

<sup>15</sup> Entrevista realizada a 29 de Agosto de 2011.

<sup>16</sup> Agricultura como estratégia máxima para o combate a pobreza, políticas públicas de acesso a terra; reformas curriculares; construção de vias de acesso e escoamento de produtos Agrícola; disponibilização de fundo de iniciativas locais, etc.

#### ***4.2. Ajudas Recíprocas como Mecanismo de Superação de Problemas***

A questão da reciprocidade, a ser analisada neste capítulo, é descrita de forma a perceber-se o motivo de alguns informantes utilizarem as ajudas recíprocas como o meio mais manifesto para a superação de problemas para quem considera-se pobre e para quem simplesmente ajuda como uma obrigação ou regra comunitária.

As ajudas recíprocas vão desde dar comida; roupa; valores monetários; ajudas morais em casos de falecimento e de como uma pessoa pode sair da pobreza. Tanto que, observamos que alguns informantes defendem que se forem a criar o espírito de auto-ajuda recíproca num campo onde se acredita que existe a pobreza, a pobreza pode ser combatida, e as ajudas podem minimizar o sofrimento de algumas pessoas, e não precisariam de esperar do apoio do governo para saírem da situação de pobreza.

õAqui no bairro, eu peço ajuda aos meus parentes, vizinhos em valores e comida, mas tenho ajudado também as pessoas quando estão necessitadas em bens alimentares, material (vestuário), valores monetárias e moralmente (aconselhamento, ideias de como ultrapassar alguns problemas familiares e individuais) e isso tem acontecido com frequência, tanto que existem aqui dentro do bairro algumas ajudas colectivas. Essas ajudas para nós significam um sentimento comum naquele momento de aflição e de apuro.<sup>17</sup>

Ajudas colectivas acontecem quando as pessoas têm falecimento, perdem os seus objectos e casas em virtude de fogo posto ou acidentalmente, inundações e conflitos entre os moradores do bairro.

Tal como refere Costa (2008), pode-se observar que no campo das ajudas recíprocas, quanto a pobreza, existe uma articulação entre comportamentos solidários regidos pela "lógica da dádiva" com "interesses" regidos por "lógicas de mercado" nas dinâmicas e estratégias de sobrevivência e de reprodução social das famílias.

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada a 20 de Agosto de 2011.

Existem casos que quando uma pessoa pede ajuda a alguém, a pessoa é obrigada a passar a vida a ser xingada, humilhada ou falada por todo o bairro por ter pedido ajuda.

Mas, de acordo com Mauss (1950), as dádivas vão e voltam sempre. Pouco importa seu valor, pouco importa sua natureza; podem ser idênticas ou não; o importante é que recorram caminhos inversos ou simétricos, que elas se reproduzam como num espelho; e esta reflexão é o motor oculto dos seus movimentos, inclusive quando são aparentemente livres e gratuitas. A devolução da dádiva é explicada pela força presente na coisa dada, pelo laço espiritual

No bairro de Maxaquene ãAõ, encontramos dois informantes que de forma contrária mostraram um pensamento não comum e não concordado pela maioria dos informantes, na medida em que os dois informantes podiam dar e não esperar receber, por motivos de não quererem viver de favores ou dívida com os seus vizinhos.

õEu não tenho pedido ajuda a ninguém e nem aos meus familiares, porque não gosto de dever favores as pessoas por toda a vida, porque desde que comecei a ir a escola procurei condições de pagar as minhas próprias despesas. Pelo contrário quando aparecem algumas pessoas a precisarem de ajuda em mim, eu tenho ajudado, podendo ser em dinheiro, comida, roupa, e em ideias de como podem resolver os seus problemas e não ando a falar ou a obrigar as pessoas a deverem-me favoresõ.<sup>18</sup>

A dádiva é frequentemente objecto de rivalidade egoística, uma espécie de guerra. No entanto, o grande paradoxo é que esta rivalidade egoística dos parceiros é que ela própria é condição de aliança e de relação social intensa entre os indivíduos de dádivas (Casal 2008: 20).

Para o propósito de dar e pensar-se que não se tem de volta, é preciso perceber que as dádivas circulam articuladamente na horizontal e na verticalidade dos grupos sociais e das sociedades, sendo aí protagonizadas pelos distintos parceiros (individuais ou colectivos) de acordo com as regras do chamado õespírito da dádivaõ. Neste sentido, a dádiva mantém-se omnipresente nas relações primárias ó parentesco, amizade, aliança, vizinhança etc., mas também manifesta-se de

---

<sup>18</sup> Entrevista realizada a 3 de Setembro de 2011.

alguma maneira, no segundo sector (Mercado e Estado), tornando-se visível e de forma muito particular no chamado terceiro sector, o sector das relações de solidariedade com os desconhecidos e estrangeiros (Casal 2005: 7).

A este respeito, observa-se que os informantes que pensam que dão e não esperam receber, tenham não recibo nada em troca é algo questionável, na medida em que as trocas no bairro de Maxaquene, podem ser de várias formas como: físicas ou monetárias, sendo que a sua devolução pode vir de como elas foram dadas assim como não. É preciso saber que a pobreza assim como mostra a sua diversa conceptualização, traduz-nos a uma variedade de significados que não terminam simplesmente na troca ou na recepção de bens materiais, monetários e simbólicos. Assim, as ajudas recíprocas na vertente de pobreza manifestam-se como algo que caracteriza os informantes, pelo facto de ser um elo de superação de algumas necessidades e problemas. Os mesmos entrevistados, apontam a questão das ajudas interpessoais e colectivas como um meio de aliviar a pobreza no bairro. Embora que as ajudas mutuas são exagero no bairro de Maxaquene, assim como não verifica-se em pessoas que tem um meio de ligação de parentesco, vizinhança, religião e pertença a uma organização política igual.

#### **4.3. Relações Campo/Cidade no Contexto da Pobreza**

Nesta secção procuramos mostrar a intenção de alguns informantes considerarem a articulação entre as zonas urbanas e rurais como locais de acesso para a materialização dos seus planos futuros e para atingirem os seus objectivos particulares assim como colectivos no campo da pobreza, na medida em que as zonas rurais e urbanas são atribuídas valores e significados diferentes.

Ao manifestar-se por alguns momentos no apanágio das pessoas as causas de serem pobres (não quererem abandonar as cidades), alguns entrevistados pressupõem que a pobreza é maior na zona urbana devido ao êxodo rural, isso, mostra a prior, que em certas circunstâncias, para a superação da sua condição de pobre seria voltar para as zonas rurais. Embora quando perguntados se estariam disponíveis a voltar para as zonas rurais depois de muitos anos, respondiam com certas dificuldades (mas, não sei, talvez, pode ser) e rogando que o governo crie condições de habitação, água; luz etc., em primeiro lugar nas zonas rurais.

Olhando para a questão habitacional, sinceramente eu gostava de ter uma casa condigna num bairro que nem do Zimpeto<sup>19</sup>, não negligenciando da minha origem (a província de Chibuto), que se não fosse por causa da guerra dos 16 anos eu estaria se calhar ainda a viver lá, e com melhores condições de vida do que estas que me submeto aqui neste bairro. Casa condigna refiro uma casa sem problemas de saneamento, drenagem, onde tenha espaço para eu fazer ou montar uma mínima loja para os meus negócios e espaço para uma pequena horta. Esta casa em que vivo não reúne condições para uma vida saudável, porque só para veres atrás da minha sala de visita tem uma casa de banho que quando alguém esta a fazer as necessidades maiores apercebermo-nos através do mau cheiro que se faz transportar para este lado da minha casa. Embora isso aconteça é difícil de dizer os meus vizinhos para que posicionem a casa de banho num outro canto, na medida em que todos nos achamos com direito de usarmos o nosso espaço habitacional de como nós bem entendermos, e que aqui no bairro alegamos ter direitos iguais de uso da propriedade do espaço, o que também contribui que surjam mais construções desreguladas provocadas por nós, que mesmo a pessoa quando está doente ou caixões contendo defuntos dificilmente saiem das nossas casas.<sup>20</sup>

É a partir deste ponto que Costa (2009), revê que para a compreensão da pobreza observando alguns pressupostos históricos dos actores ou indivíduos, afigura-se a perspectiva histórica, como um dos elementos essenciais para compreensão da pobreza na actualidade. Porque o que se pode observar em certas circunstâncias nas declarações de alguns informantes, os mesmos procuram uma identidade ou posicionamento no campo da pobreza sempre fazendo-lhe dentro de uma comparação histórica, que neste caso seria antes da independência, depois da independência e após a guerra dos 16 anos.

---

<sup>19</sup> Zimpeto é um bairro suburbano que se encontra no Município da Cidade de Maputo.

<sup>20</sup> Entrevista realizada a 4 de Agosto de 2011.



De acordo com Rosário et al. (2007), as pessoas ao associarem os factos ou fundamentos do presente com o passado, isso não quer dizer que as pessoas não se lembrem das dificuldades do tempo colonial, que não apreciam as liberdades associadas à independência e não reconheçam os avanços na educação e saúde, mas para as pessoas pobres o acesso imediato às necessidades básicas como comida, vestuário e abrigo será e deve ser prioritário.

Costa (2007) por sua vez, defende que a vinda para a cidade, pode não implicar para as famílias migrantes uma ruptura com o meio rural. Porque as relações com a terra de origem são mantidas e alimentadas através de visitas, manutenção de casas e machambas no meio rural, troca de produtos e de dinheiro, circulação de crianças, casamentos etc. A terra de origem segundo Costa (Ibid), constitui simultaneamente um símbolo de identidade familiar e um recurso material gerador de produtos para auto-consumo.

Deste modo, os significados atribuídos e a dicotomia rural/urbano, traduzem-se de forma clara a uma relação audaciosa e de pertença, na medida em que o meio rural/urbano é atribuído significados e valores diferenciados para os informantes. O meio rural sempre continua no privilégio dos informantes, se por acaso já tiverem tido um contacto com o mesmo. Os informantes caracterizam e dão um significado simbólico ao meio rural, mais perceptível do que o meio urbano. Esse posicionamento foi possível observar em alguns discursos de jovens que não nasceram naquele bairro, mas pelo facto de terem familiares que têm sua origens no meio rural, tomam-no o meio rural como um local sagrado e histórico que sempre constituíra uma casa e aconchego.

## 5. Considerações Finais

O estudo abordou as percepções sociais sobre pobreza no bairro de Maxaquene com referência as propostas analíticas sugeridas por Narayan (2000) e Douglas (2007), uma vez que os autores remetem-nos a considerar os indivíduos como agentes activos e passivos na sociedade, não como meros telespectadores.

O carácter multidimensional da pobreza leva à necessidade de um entendimento que tenha uma correspondente abordagem multidimensional. Com este intuito, este trabalho se propôs também a compreender a pobreza que observe tanto à sua natureza multidimensional, quanto à componente de estratégias de sobrevivência de pessoas que vivem na pobreza; ajudas recíprocas como mecanismo de superação e perceber as relações campo e cidade no contexto da pobreza.

O propósito da pesquisa foi viabilizado a partir da revisão de literatura, em que se destacaram diferentes concepções sobre as abordagens utilizadas no estudo da pobreza, tais como pobreza relacionada com a renda; pobreza como privação de capacidades; pobreza como exclusão social e pobreza multidimensional.

A abordagem qualitativa foi considerada adequada aos propósitos do estudo, em que se utilizaram diferentes instrumentos de colecta de dados, a exemplo de entrevistas semi-estruturadas. A análise dos dados foi feita a partir da técnica de análise de conteúdo, com o objectivo de identificar as estratégias utilizadas para a caracterização da pobreza; relações entre campo e cidade; as formas de ajuda mútua e descrever as formas de percepção usadas para a pobreza relevantes entre os pesquisados.

As principais contribuições consolidadas por meio desta pesquisa dizem respeito à proposta da utilização de uma abordagem multidimensional e interdisciplinar para o estudo da pobreza percebido entre os residentes do bairro de Maxaquene, na qual foi possível relacionar directamente, as suas percepções e às limitações das suas condições.

Ainda durante a colecta de dados, ficou claro que a simples proposição de categorias de pobreza como são encontradas na teoria não seria suficiente para a compreensão das peculiaridades das

percepções dos pesquisados. Em quase todos os relatos, a preocupação com o preconceito e com a possibilidade de precisar do auxílio de outras pessoas dentro do bairro foi considerada altamente relevante, tanto que as relações entre os residentes observam-se dentro de um prisma social onde as ajudas recíprocas têm um significado particular.

Dessa forma, embora as categorias tradicionais tenham norteado o estudo, foi preciso analisar o contexto das falas, o desenvolvimento das opiniões, a manifestação de insatisfações e os relatos de diversas ocorrências entre os residentes pesquisados, no intuito de identificarem-se os elementos que para eles representam, de facto, uma fonte de preocupação para decidirem combater a pobreza.

Verifica-se um contributo muito relevante deste trabalho na medida em que o relatório de pesquisa ajuda de forma sistemática a mostrar o particularismo na construção do conhecimento científico, no bairro de Maxaquene ãAö, onde as estratégias e planos de algumas instituições governamentais e privadas de alívio ou estudos da pobreza se fazem muitas das vezes sem o saber local mais aprofundado. Outros estudos realizados naquele distrito foram muito entusiásticos com os indicativos físicos e monetários.

Certo que a análise deste fenómeno, em contextos micro e macro-sociais, de acordo com a abordagem utilizada os contextos pode ocupar posições bastante desiguais. Em alguns casos, pode suceder que uma região considerada a menos pobre, de acordo com uma metodologia diferente, passe a fazer parte da metade mais pobre de um país. Tanto que, as abordagens multidimensionais que se tem utilizado, em Moçambique, vem dando um grande contributo no modo de como encarar este fenómeno. E para uma percepção lógica deste fenómeno, a interdisciplinaridade nas ciências sociais mostra-se como uma base para a construção e revalidação do conhecimento próximo da pobreza.

Dessa forma, embora o trabalho tenha uma natureza exploratória, ele demonstra o potencial da metodologia, que tem duas qualidades inestimáveis: 1) permite tratar os diversos componentes (atributos) de bem-estar cujas redes sociais que se manifestam nas ajudas recíprocas e estratégias de sobrevivência caracterizam o estado de pobreza; e 2) sumariza os diversos significados que os



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

residentes atribuem a pobreza ponderando os mesmos pelo seu grau de universalização de acesso de reciprocidade no bairro.

Para pesquisas futuras, sempre, será necessária a inclusão de novas dimensões da pobreza bem como uma análise temporal para algumas questões como a ênfase do tempo para a permanência das redes sócias que levariam os residentes a uma reciprocidade contínua no campo da pobreza.

### **Referência Bibliográficas**

Addison, Tony; David, Hulme; Kanbur, Ravi. 2009. *Poverty Dynamics. Interdisciplinary Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.

Alexandre, Mate; Loforte, Ana; Carlos, Arnaldo; Lihaha, Danúbio; Zonjo, Johane; Manuel, Sandra; Mazive, Elisio e Nordang, Hakon. 2007. *Avaliação Social Combinada Sobre Pobreza e Género em Moçambique*. Maputo: UEM.

American Anthropology Association. 1997. *Etical Code*: Washington. D.C.

Australcouwi. 2009. *Revisão de Literatura sobre os Determinantes da Vulnerabilidade e Tendências*: departamento for Interntional Development.

Baia, Alexandre; Jonas, Mahumane e Neto, Costa. 2010. *Radiografia da Pobreza na Cidade de Maputo*. Maputo: Centro de Estudos Africanos.

World Bank. 2007. *Beating The Odds: Sustaining Inclusion in a Growing Economy. A Mozambique Poverty, Gender and Social Assessment*. Washington D.C.: The World Bank.

World Bank. 2010. *Maputo Municipal Development Programme II (Project Appraisal Document)*. Maputo: World Bank.

Boom, Bart Van Den. 2011. *Análise da pobreza em Moçambique: Situação da pobreza dos agregados familiares, malnutrição infantil e outros indicadores 1997, 2003, 2009*: Maputo.

Bourdieu, Pierre. 1989. *O Poder Simbólico: A Génese dos Conceitos de hábitos e de Campo*. Editora Bertrand Brasil. S.A

Burguess, Robert. 2001. *A Pesquisa de Terreno: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.

Casal, Adolfo Yanez. 2005. *Entre a Dádiva e a Mercadoria: Ensaio de Antropologia Económica*. Lisboa: Porto Editora.

Conselho Municipal de Maputo. 2009. *Programa Quinquenal do Conselho Municipal de Maputo 2009-2013*. Maputo: Conselho Municipal de Maputo.

Costa, Ana 2009. *A pobreza, a Guerra e a Paz em Moçambique: Teorias, Relações e Percepções*. Maputo: IESE.

Costa, Rogério. 2005. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*. Interface ó comum, saúde, educ, v. 9, nº 17, Pp. 235 ó 248.

Costa, Ana, Bénard da. 2007. *O Preço da Sombra: Sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Crespo, Antonio. e Gurovitz, Elaine. 2002. *A pobreza como um Factor Multidimensional*. São Paulo: Editora Fundação Getulio Vargas ó Escola de Administração de Empresas de São Paulo

Cruzeiro do Sul. 2006. *Análise Multidimensional da Pobreza em Três Aldeias do Norte de Moçambique (Draft)*. Maputo.

Douglas, Mary 2007. *O Mundo dos Bens, Vinte anos Depois*. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos. Vol.13. No 28.

Fernandes, Teixeira. 1995. *õEtilização e Racização no processo de Exclusão Socialõ*: In *O Estado Democrático e a Cidadania*. Porto: Editora Afrontamento.

GdM. 2001. *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta (2001-2005) (PARPA)*. MPD: Maputo

GdM. 2005. *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta, 2006-2009 (PARPA II)*. MPD: Maputo.

Gil, António. 1996. *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas. 3º ed.

Gil, António. 1999. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Government of Mozambique. 2006. *Plano de Acção de Redução de Pobreza Absoluta 2006-2009*. Maputo: Government of Mozambique

Harris, John. 2007. *Bringing politics back into poverty analysis: Why understanding social relations matters more for policy on chronic poverty than measurement*. Vancouver: School for International Studies Simon Fraser University Vancouver.

Instituto Nacional Estatística. 1998. *Inquérito Nacional aos Agregados Familiares sobre Condições de Vida [1996/97]*. Instituto Nacional de Estatística: Maputo.

Instituto Nacional de Estática. 2004. *Relatório Final do Inquérito aos Agregados Familiares Sobre Orçamento Familiar, 2002/3*. Instituto Nacional de Estatística: Maputo.

Lopes, Marra; Macedo, Paulo; Machado, Ana. 2004. *Análise de Pobreza com Indicadores Multidimensionais: Uma Aplicação para Brasil e Minas Gerais*. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú: Mina Geral.

Mauss, Marcel. 1950. *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.

Martelete, Maria. 2001. *Análise das redes sociais – aplicação nos estudos de transferências de informação*. V.3, nº 1, Brasília. Pp. 71 ó 81.

Ministério da Planificação e Desenvolvimento. 2011. *Pobreza e Bem-estar em Moçambique: Terceira Avaliação Nacional*. Maputo: Direcção Nacional de Estudos e Análise de Políticas.

Sousa, Minayo e Sanchez, Odécio O. 1993. "Quantitativo - qualitativo: Oposição ou complementaridade?" in: *Cadernos de Saúde Pública*. 9 (3). pp. 239-262. Disponível em, <http://www.antropocoiso.weblog.com.pt/privado/antrop-tb.cgi/157189>. Consultado no dia 7 de Maio de 2011.

Narayan, Deepa. 2000. "Voices of the poor - Can anyone hear us?" Washington, D.C.: The World Bank, Oxford University Press.

Paugam, Serge. 1999. *Por uma Sociologia da Exclusão Social*. São Paulo: Vêras, M.P.B.

Paulo, Margarida; Carmeliza, Rosário; Inge, Tvedten. 2007. *Relações Sociais da Pobreza Urbana em Maputo*, Moçambique. Bergn: Chr. Michelsen Institute.

Paulo, Margarida; Carmeliza, Rosário; Inge, Tvedten. 2010. *Avaliando as Implicações do PARPA II em Maputo 2007-2010*. Postterminalen: Chr. Michelsen Institute.

Conselho de Ministro. 2006. Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta 2006-2009 (PARPA II): Maputo.

PNUD. 2005. *Relatório do Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Editora Unipessoal, Lda.

Rosário, Carmeliza, Inge, Tvedten; Margarida Paulo. 2008. *Mucupuki': Relações Sociais da Pobreza Rural-Urbana no Centro de Moçambique*. Bergen: CMI.

Ravallion, Martin. 1998. Hagenaaars, Aldi; e Van Praag, Bernard. .1985. "A synthesis of poverty line definitions". *Review of Income and Wealth*, v. 32, n. 2.

Rodrigues, Eduardo; Samagaio, Florbela; Ferreira, Heldert; Mendes, Maria e Januário, Suzana 2007. *A Pobreza e a Exclusa Social: Teorias, Conceitos e políticas sociais em Portugal*. Lisboa: Belgrand.

Sen, Amartya. 2000. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.





Silva, Cassandra. 1996. Epistemologia do Conhecimento Tecnológico. Porto: Celta.

Triviños, Augusto. 1992. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.